



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Gabriel Volpi Aires

Saída do Reino Unido da União Europeia: as consequências do Brexit para a
balança comercial britânica

Florianópolis
2024

Gabriel Volpi Aires

**Saída do Reino Unido da União Europeia: as consequências do Brexit para a
balança comercial britânica**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Ciências Econômicas do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Roberto Meurer, Dr

Florianópolis

2024

Aires, Gabriel Volpi

Saída do Reino Unido da União Europeia : as
consequências do Brexit para a balança comercial britânica /
Gabriel Volpi Aires ; orientador, Roberto Meurer, 2024.
48 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
Socioeconômico, Graduação em Ciências Econômicas,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Ciências Econômicas. 2. Comércio Exterior. 3. Brexit.
4. União Europeia. 5. Reino Unido. I. Meurer, Roberto. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Ciências Econômicas. III. Título.

Gabriel Volpi Aires

Saída do Reino Unido da União Europeia: As consequências do Brexit para a balança comercial britânica

Florianópolis, 02 de dezembro de 2024.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros

Prof. Roberto Meurer, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Eva Yamila Amanda da Silva Catela, Dr.(a)

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Fernando Seabra, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina

Certifico que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Economia por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Prof. Roberto Meurer, Dr.

Orientador(a)

Florianópolis, 2024.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, por sempre estarem me incentivando a evoluir como ser humano e como profissional, graças a eles sempre aprendi que com estudo e foco pode se chegar a grandes lugares.

Também sou grato a todos os meus amigos que fizeram parte da minha jornada na Universidade, amigos que tanto nos momentos difíceis estavam para dar apoio quanto nos momentos de alegria para celebrar.

Gostaria de agradecer a todos os professores que ao longo do curso compartilharam seus conhecimentos, em especial ao professor Roberto Meurer, por ter aceitado me orientar neste trabalho.

“Quando as circunstâncias mudam, devemos adaptar nossas velas, não o vento”
(Confúcio, 551 a.C – 479 a.C)

RESUMO

Em 23 de junho de 2016 a população do Reino Unido votou pela saída do país da União Europeia, bloco econômico europeu que integra a grande maioria dos países da Europa, a saída ocorreu em definitivo a partir de janeiro de 2021. O trabalho busca analisar os impactos do Brexit na balança comercial do Reino Unido, olhando para um período de tempo entre 2010 e 2023, separando em três momentos chaves, pré e pós plebiscito, e pós saída definitiva. Através da análise dos dados da balança comercial, juntamente com dados da taxa de câmbio nominal e efetiva, e dados sobre o crescimento do PIB retirados do Bank of England e Office for National Statistics, é possível ver que o Reino Unido ainda que de forma leve, já está sofrendo impactos dessa decisão com a diminuição do nível das exportações e importações.

Palavras-chave: Reino Unido; Brexit; Balança Comercial.

ABSTRACT

On June 23, 2016, the population of the United Kingdom voted to leave the European Union, a European economic bloc that includes the vast majority of European countries, the exit took place definitively as of January 2021. The study seeks to analyze the impacts of Brexit on the United Kingdom's trade balance, looking at a period of time between 2010 and 2023, separating it into three key moments, pre and post plebiscite, and after definitive exit. Through the analysis of trade balance data, together with nominal and effective exchange rate data, and data on GDP growth taken from the Bank of England and the Office for National Statistics, it is possible to see that the United Kingdom, albeit slightly, is already suffering impacts from this decision with the decrease in the level of exports and imports.

Keywords: United Kingdom; Brexit; Trade Balance.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Balança Comercial do Reino Unido 2010 a 2023.....	26
Gráfico 2 – Inflação de 2010 a 2023	27
Gráfico 3 – Exportações de mercadorias do Reino Unido para o resto do mundo a preços nominais de 2015 (£ milhões).....	28
Gráfico 4 – Índice de Preços ao Produtor (PPI) Variação Anual.....	29
Gráfico 5 – Importações de mercadorias do resto do mundo provenientes do Reino Unido a preços nominais de 2015 (£ milhões)	29
Gráfico 6 - Importações de produtos eletrônicos da EU provenientes do Reino Unido a preços nominais de 2015 (£ milhões)	30
Gráfico 7 - Exportações de mercadorias do Reino Unido para a EU a preços nominais de 2015 (£ milhões)	31
Gráfico 8 - Importações de mercadorias da EU provenientes do Reino Unido a preços nominais de 2015 (£ milhões)	32
Gráfico 9 - Exportações do Reino Unido para os principais parceiros membros da EU.....	33
Gráfico 10 - Importações provenientes do Reino Unido para os principais parceiros membros da EU.....	34
Gráfico 11 - Taxa de câmbio nominal média trimestral à vista GBP/EUR	36
Gráfico 12 - Índice médio trimestral da taxa de câmbio efetiva (GBP)	38
Gráfico 13 - PIB Real do Reino Unido	39
Gráfico 14 - Crescimento econômico do G8 desde 2019	40
Gráfico 15 - Taxa de crescimento do PIB Real	41

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Proporção de Exportações e Importações do Reino Unido com a UE no PIB Real do Reino Unido	41
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCE	Banco Central Europeu
BoE	Banco da Inglaterra
CECA	Comunidade Europeia do Carvão e do Aço
CEE	Comunidade Económica Europeia
EUR	Euro
FMI	Fundo Monetário Internacional
GBP	Libra Esterlina
IPC	Índice Nacional de Preços
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
NAFTA	Tratado de Libre Comércio da América do Norte
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONS	Office for National Statistics
SME	Sistema Monetário Europeu
TEC	Tarifa externa comum
UE	União Europeia
UEM	União Económica e Monetária

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	INTEGRAÇÃO ECONÔMICA.....	15
2.1	FORMAÇÃO DO REINO UNIDO	17
2.2	FORMAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA E BREXIT.....	18
2.1.1	União Europeia.....	18
2.1.2	Brexit	19
3	COMÉRCIO EXTERIOR.....	21
4	PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E DADOS.....	24
4.1	COLETA DE DADOS.....	24
5	RESULTADOS.....	26
5.1	EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES.....	26
5.1.1	Panorama Geral.....	26
5.1.2	Negócios com a União Europeia.....	31
5.1.2.1	<i>Exportações para a União Europeia.....</i>	<i>31</i>
5.1.2.2	<i>Importações para a União Europeia.....</i>	<i>32</i>
5.1.3	Principais parceiros membros da União Europeia.....	33
5.2	IMPACTO DAS TAXAS DE CÂMBIO NOMINAL E EFETIVA.....	34
5.2.1	Taxa de Câmbio Nominal GBP/EUR.....	35
5.2.2	Taxa de Câmbio Efetiva.....	37
5.3	IMPACTO DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB).....	39
5.3.1	PIB e taxa de crescimento real do Reino Unido.....	39
5.3.2	Participação das Exportações e Importações.....	41
6	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, movimentos de integração entre os países europeus se iniciaram, buscando trazer benefícios e melhorias econômicas para os envolvidos. Nesse sentido surgiu a primeira união entre países da Europa, formada pela Bélgica, Países Baixos e Luxemburgo que possuíam o nome BENELUX, pois o nome é composto pelas primeiras sílabas de cada país.

Em 1951, seis países, entre eles os três integrantes do BENELUX, mais Alemanha, França e Itália, criaram o que é conhecido como CECA – Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (Costa, 2020), que mais tarde, em 1992 seria uma chave fundamental para a criação da União Europeia (UE). A UE busca integrar os países que fazem parte do grupo de forma política, cultural e econômica, utilizando uma moeda única para todos os membros (Euro), com livre circulação dos cidadãos entre os países membros. Atualmente é considerada o principal grupo de países do mundo, pelo poder econômico dos seus integrantes.

A criação da CECA ocorreu em 1951, porém um dos países da Europa com maior poder econômico, o Reino Unido, só passou a fazer parte da mesma em 1975. Ao nos referirmos ao Reino Unido, tratamos de um conjunto de países formado por Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte, cujo nome oficial é Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte (Black, 2018). Essa demora, em comparação com outros países de semelhante poderio econômico, deve-se a alguns fatores, como o não desejo do Reino Unido por muitos anos em fazer parte de um bloco de países, além do veto aplicado pela França em duas ocasiões ao ingresso do Reino Unido. Para o presidente francês, o general Charles de Gaulle e os demais membros do governo, o bloco deveria ser continental, assim a entrada do Reino Unido não seria benéfica aos países que faziam parte do bloco (Geddes, 2004).

O Reino Unido sempre possuiu um sentimento de autonomia, a relutância no início de fazer parte do bloco sempre foi destacada, ao se criar uma moeda comum para os membros da União Europeia, o Reino Unido resolveu não adotar a moeda e permanecer com a libra esterlina como moeda do país, dentre outras atitudes que faziam com que o país tivesse uma autonomia mesmo estando dentro de um bloco de países, a mais clara foi ao adotar o Ato da União Europeia, onde uma cláusula para que o Reino Unido avaliasse toda a decisão tomada na União Europeia antes de aceitá-las foi colocada. Dessa forma, o sentimento de não pertencimento da população ao bloco resultou em duas votações uma em 1975 onde a maioria decidiu permanecer no bloco (67,2%) e a outra votação ocorreu em 2016, onde a maioria da

população votou pela saída da União Europeia, sendo 51,9% de votos a favor (Soares, 2019). Assim o presente trabalho irá buscar entender as consequências dessa decisão, para o Reino Unido e sua população, analisando alguns de seus indicadores econômicos.

Em vista disso, algumas questões começam a ser levantadas: sair da União Europeia é prejudicial para a balança comercial do país? Quais são os possíveis impactos nela? Qual a consequência no curto e no longo prazo dessa decisão?

Este trabalho visa analisar a balança comercial do Reino Unido com a saída da União Europeia. O objetivo geral é comparar o momento pré e pós-plebiscito, bem como o cenário após a saída definitiva, considerando o período de 2010 a 2023, a fim de identificar os impactos ocorridos na balança comercial do Reino Unido.

Como objetivo específico, o primeiro será fazer uma análise bibliográfica dos motivos que levaram o Reino Unido a entrar na União Europeia e os motivos da sua saída. O segundo objetivo é analisar a balança comercial e ver seu comportamento durante o período analisado. O terceiro será olhar o que impactou a balança comercial nos momentos de análise, o quarto será a análise do câmbio nominal e efetivo para examinar se a moeda britânica se desvalorizou após o Brexit e qual foi o impacto na balança comercial, e por último objetivo a análise do PIB real e seu comportamento devido às consequências do Brexit na balança comercial.

Com a saída do Reino Unido da União Europeia várias especulações do que aconteceria com a economia britânica vieram à tona, devido a essa saída ser algo inédito no principal bloco econômico do mundo. Já é possível ver alguns indícios que causam um impacto na economia, como a desvalorização da Libra frente ao Euro, e impactos na balança comercial do Reino Unido, pelo fato de o Reino Unido possuir grande parte dos seus parceiros econômicos na União Europeia (Bueno, 2024). Dessa forma a pesquisa possui a importância de tentar identificar as atuais e possíveis consequências que podem acontecer devido a essa decisão de deixar a União Europeia.

2 INTEGRAÇÃO ECONÔMICA

Integração econômica refere-se ao processo pelo qual países concordam em eliminar barreiras comerciais e adotar medidas para facilitar a cooperação econômica mais estreita. Esse processo visa promover a livre circulação de bens, serviços, capitais e, em alguns casos, mão de obra entre os países envolvidos.

Machado (2000, p. 19) diz:

A integração econômica pode ser definida como o processo de eliminação de fronteiras e barreiras de natureza econômica entre dois ou mais países (=mercados). As fronteiras econômicas estabelecem obstáculos aos fluxos de mercadorias, serviços e fatores de produção entre países, o que significa que as condições de produção, a regulação local e outros elementos internos operam em geral como os principais determinantes dos preços das mercadorias, serviços e fatores no âmbito do mercado nacional. Neste sentido, é possível afirmar que o objetivo primordial dos processos de integração consiste na criação de mercados maiores, tomando como base a sugestão clássica de que os mercados maiores operam de forma mais eficiente do que os menores

Existem diferentes formas de integração econômica, cada uma representando um grau diferente de cooperação entre as nações: Livre comércio; União Aduaneira; Mercado Comum; União econômica e política e Confederação.

O livre comércio é um acordo feito entre os países na intenção de aumentar as relações comerciais entre eles através da eliminação de tarifas e quotas sobre grande parte dos serviços que são comercializados, permitindo que haja uma livre circulação de bens e serviços sem restrições alfandegárias, esses acordos são regidos pela Organização Mundial do Comércio (OMC). O Livre Comércio é a etapa considerada inicial no processo de formação de um bloco econômico (Nakada, 2002).

Alguns exemplos de Áreas de Livre Comércio são a Aliança do Pacífico formada por países da América Latina e Ásia e o Tratado de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) entre Estados Unidos, Canadá e México.

A União Aduaneira além de eliminar as barreiras comerciais como o Livre Comércio, possui uma tarifa externa comum (TEC), essa tarifa tem como função

criar custos para produtos importados de países que não fazem parte da união, assim eliminando a concorrência dos países não membros, ela ocasiona a adoção de uma política comercial comum em relação a países que não fazem parte da união. Além da livre circulação de mercadorias e bens a União Aduaneira permite a livre circulação de pessoas. O principal exemplo de União Aduaneira é a União Europeia (Nakada, 2002).

O Mercado Comum representa um estágio mais avançado de integração econômica do que a União Aduaneira. Nesse estágio os membros eliminam barreiras tarifárias e não tarifárias ao comércio, adotam uma política comercial comum em relação a países não membros e permitem a livre circulação de bens, serviços, capital e pessoas (Nakada, 2002).

Nessa etapa de integração econômica há uma maior coordenação e harmonização das políticas econômicas entre os países membros. Podemos usar como exemplos de Mercado Comum o Mercado Comum do Sul (Mercosul) e o Mercado Único Europeu.

Já a União Econômica abrange o mercado comum, acrescentando um sistema monetário comum e uma política externa e de defesa comum. Ao olharmos para o processo de formação da União Europeia (UE) identificamos o processo de União Econômica e Monetária (UEM) que tem como objetivo alcançar uma maior integração econômica e monetária entre os países membros (União Europeia, 2018).

Nesse processo os países coordenam suas políticas econômicas para promover a harmonização de impostos, regulamentações e políticas de bem-estar social, além de compartilharem uma única moeda e uma política monetária comum.

Por último a confederação que é uma forma de cooperação entre estados independentes, nações ou territórios onde cada membro mantém sua soberania e autonomia política, mas trabalham em conjunto em certas áreas específicas como na economia com questões referentes a comércio, políticas tarifárias, unificação de direitos civis e pautas administrativas (Basso, 2007).

Há três conceitos de integração econômica; Integração Nacional, Integração Internacional (ou Integração Regional) e Integração Mundial (globalização)

A Integração Nacional é a união de mercados e políticas dentro de um país, com o objetivo de promover uma maior cooperação e interdependência econômica, envolvendo a eliminação de barreiras comerciais internas, políticas econômicas mais harmonicas, políticas fiscais e monetárias coordenadas e instituições nacionais para

gerir o processo de integração (Basso, 2007).

A Integração Internacional envolve diversos países no objetivo de promover o desenvolvimento econômico e a integração de mercados, melhora no bem estar social e aumento do mercado e produtividade (Silva, 2011). Podendo ocorrer de diversas maneiras, através da formação de blocos econômicos, acordos de livre comércio e uniões aduaneiras. A União Europeia se encaixa nesse conceito de integração econômica.

Já a Integração Mundial refere-se ao processo que estabelece a integração entre países e pessoas no mundo todo. Assim é possível empresas, países e instituições realizarem trocas culturais, comerciais e financeiras sem restrições.

2.1 FORMAÇÃO DO REINO UNIDO

A formação do Reino Unido é um processo histórico complexo, resultante da união de diversas nações sob um único governo. Esse desenvolvimento ocorreu em várias fases ao longo dos séculos, incluindo tratados, atos parlamentares e, em certos casos, conflitos militares. A primeira união que ocorreu foi a anexação do País de Gales à Inglaterra através dos Atos de União de 1536 e 1543, integrando o sistema jurídico e administrativo de ambos os países, criando uma única entidade política e jurídica (Black, 2018).

No início do século XVII, devido à morte da então rainha da Inglaterra Isabel I, quem assume o trono é o rei Jaime VI da Escócia, resultando na União das Coroas. Embora os dois países continuassem separados, eram governados pelo mesmo monarca (Black, 2018). Foi somente um século depois que os parlamentos de Inglaterra e Escócia aprovaram os Atos de União em 1707, criando assim o Reino da Grã-Bretanha, que possuía um único parlamento estabelecido em Londres para os dois países.

Em 1801, o Reino da Irlanda passava por uma instabilidade política e havia temores de uma possível invasão francesa. Com essa motivação, os parlamentos do Reino da Grã-Bretanha e do Reino da Irlanda aprovaram o Ato de União, incorporando a Irlanda ao seu Reino, formando assim o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda (Black, 2018). Porém, no século seguinte, em 1921, após a Guerra de Independência Irlandesa, foi assinado o Tratado Anglo-Irlandês, que estabeleceu a saída do Reino da Irlanda, passando a ser chamada de Estado Livre

Irlandês e, mais tarde, República da Irlanda. No século passado, o Reino Unido foi oficialmente renomeado para Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, devido à independência da maior parte da Irlanda (Black, 2018).

A formação do Reino Unido foi moldada por uma série de fatores, como questões dinásticas, políticas religiosas, conflitos militares e interesses econômicos. A união das nações britânicas criou um estado centralizado que teve um impacto significativo na história mundial, especialmente durante o período do Império Britânico (Black, 2018).

2.2 FORMAÇÃO DA UNIÃO EUROPEIA E BREXIT

2.2.1 União Europeia

A União Europeia (UE) é uma aliança econômica e política, composta por 27 países europeus desde a saída do Reino Unido. Esses países abrangem uma grande parte do continente europeu. A UE foi estabelecida após a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de evitar novos conflitos. Antes de surgir a UE houve diversas tentativas de integrar a comunidade europeia.

O primeiro esboço do que hoje conhecemos como UE foi a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) que integrava a Alemanha Ocidental, França, Itália, Bélgica, Luxemburgo e os Países Baixos (esses três últimos que já possuíam uma junção e eram chamados de BENELUX), foi assinada em 1951 o Tratado de Paris com o objetivo de organizar a livre circulação do carvão e das fontes de produção, o tratado implementou a livre circulação de produtos, eliminando direitos aduaneiros e encargos (Costa, 2020). Além disso, proibiu medidas ou práticas discriminatórias, subvenções, auxílios estatais, encargos especiais impostos pelo Estado e práticas restritivas (Costa, 2020).

Após 6 anos em 1957 os países membro da CECA se reuniram para aumentar a integração entre eles, deixando de ser apenas setorial e passando a envolver toda a economia, ao assinarem o Tratado de Roma instituindo a Comunidade Econômica Europeia (CEE), que criou um mercado comum livre para circulação de mercadorias, pessoas, serviços e capitais (União Europeia, 2017). Entre os países pertencentes a CECA, a França na figura do seu então presidente o general Charles de Gaulle era contra uma integração ampla na economia, porém se

aproveitou do tratado assinado pelos países e conseguiu impulsionar suas indústrias.

A primeira expansão da CEE ocorreu em 1973, com a adesão da Dinamarca, Irlanda e Reino Unido. Inicialmente o Reino Unido acreditava que as questões econômicas poderiam ser resolvidas através de uma associação de livre comércio (Geddes, 2004). Após ver que não seria possível alcançar os resultados esperados, fazendo parte apenas de uma área de livre comércio, o Reino Unido reavaliou a sua entrada na CEE, porém teve seu pedido vetado duas vezes pelo presidente francês general Charles de Gaulle (Geddes, 2004). O Reino Unido ingressou na CEE somente após o presidente francês ter renunciado, e o seu substituto ser a favor da expansão da Comunidade Europeia.

No final da década de 1970 foi proposta a ideia de se criar um Sistema Monetário Europeu (SME) para garantir a estabilidade das moedas dos países membros (Costa, 2020), dessa forma é criado o Euro para funcionar como moeda da comunidade. Mais tarde era colocado no debate a eliminação dos controles de fronteiras dos países, assim em um primeiro momento é proposto que a CEE aderisse a um livro de normas que seria válido para todos os países (Costa, 2020), no entanto foi acordado que cada nação manteria suas normas, e os Estados - Membros da Comunidade aceitariam-nas (Costa, 2020). Com a queda da União Soviética no final da década de 1980 o processo de União Econômica e Monetária foi acelerado, com a assinatura do Tratado de Maastricht (União Europeia, 2018), que assegurava uma Política Externa Comum e uma Cooperação de Justiça e Assuntos Internos.

2.2.2 Brexit

O processo que levou o Reino Unido a sair da UE não começou em 2016. Desde a sua entrada no bloco os britânicos possuíam um sentimento de não pertencimento ao mesmo, o Reino Unido mesmo estando na UE tinha algumas normas diferentes dos demais países membros. Como por exemplo a não adoção do Euro, mantendo a Libra Esterlina como moeda do país. Devido a esse sentimento, o Reino Unido realizou duas votações populares para saber a opinião da sua população sobre a permanência no bloco, a primeira em 1975 onde a maioria decidiu permanecer na UE (67,2%) e a outra mais recente, em 2016, onde a maioria votou

pela saída do Reino Unido da UE (51,9%) (Soares, 2019).

Indo ao contrário da opinião de grande parte de especialistas o resultado provocou uma crise política dentro do Reino Unido, resultando na renúncia do primeiro-ministro David Cameron, que foi substituído por Theresa May, que cumpriu sua promessa de levar a decisão do Brexit adiante (Dhingra e Sampson, 2022). A princípio a saída ocorreria no início do ano de 2019, porém desacordos entre a UE e o Reino Unido adiaram a saída para o fim de 2019, onde também não foi concluída (Costa, 2020).

Assim com tantas tentativas de saída frustradas, Theresa May renunciou ao seu cargo, dando lugar a ex-ministro de relações exteriores Boris Johnson. Logo após sua entrada como principal negociador do Reino Unido com a UE para a saída, Boris Johnson desistiu de uma das cláusulas que prendia a saída do Reino Unido, assim Boris conseguiu o acordo que a partir de 31 de janeiro de 2020 o Reino Unido não faria mais parte da UE, e que até 31 de dezembro do mesmo ano seria usado como período de transição, onde todos os benefícios que a UE dava para a população britânica seriam mantidos (Dhingra e Sampson, 2022).

3 COMÉRCIO EXTERIOR

O conceito de comércio exterior possui diversas teorias que são fundamentais para a compreensão das dinâmicas econômicas e interações entre os países no mercado internacional. As teorias fornecem as bases que explicam quais os verdadeiros interesses das nações em comercializar entre si, quais os prós e contras para elas, e os distintos padrões de comércio que surgem ao longo dos anos.

Algumas teorias se destacam com o passar do tempo, entre elas a teoria mercantilista anterior ao século XVIII, onde as percepções de comércio exterior eram baseadas somente no objetivo de alcançar um superávit na balança comercial, independente dos meios utilizados para se chegar a tal marca (Dezordi, 2012).

Para Adam Smith o comércio internacional traz benefícios para os países permitindo que cada um se especialize em determinados bens nos quais possuem vantagens absolutas (Smith, 1985). Vantagem absoluta ocorre quando determinado país consegue produzir um bem com o menor custo de recursos do que outro, assim cada nação deve focar a sua produção nesses bens em que possuam vantagens (Smith, 1985). Quando o excedente de produção ultrapassa o consumo interno necessário, ele deve ser exportado, assim gerando receita que deve ser usada para importar bens que não são produzidos no país, a capacidade de consumo das nações envolvidas no comércio aumenta, dessa forma melhorando o bem-estar da sociedade (Smith, 1985).

Smith (1985) define que através da especialização de um país em determinado produto em que possua uma vantagem absoluta, tal qual o conceito de divisão do trabalho exposto por ele, isso resulta em um incremento na eficiência e produção global, onde traz benefícios para todos os países participantes do comércio, essa definição é chamada de ganho mútuo.

Outra teoria sobre o comércio exterior é a de David Ricardo, no livro *Princípios de Economia Política e Tributação* Ricardo aperfeiçoa a teoria de Adam Smith, ampliando a oportunidade de lucros comerciais até para países que não possuem vantagens absolutas. Para Ricardo, não é a vantagem de uma nação na produção de determinado bem que possibilita os benefícios do comércio, mas sim a vantagem comparativa (Ricardo, 1982). A vantagem comparativa representa o custo de oportunidade relativo, ou seja, a capacidade de um país produzir um bem com custo de oportunidade menor em relação a outro (Ricardo, 1982).

Assim Ricardo (1982) demonstrou que o comércio internacional não precisa ser necessariamente explicado pelas vantagens absolutas, podendo ser benéfico para um país se especializar em produtos que possuem um menor grau de esforço em outros locais, além de que pode não ser vantajoso a especialização na produção de um bem que oferece vantagem absoluta, se existir uma vantagem maior na produção de outro.

Em contraponto ao modelo de Ricardo está a teoria de Heckscher e Ohlin que distingue o comércio internacional do comércio regional e na identificação dos fatores que determinam a existência de vantagens comparativas (Krugman e Obstfeld, 2001). O modelo expõe que as vantagens comparativas surgem de diferentes níveis de estoques relativos dos distintos fatores de produção, o que influencia os custos de produção desses bens.

Em um âmbito geral o comércio exterior refere-se às transações comerciais de bens, serviços e capitais entre diferentes países, sendo ponto central na economia mundial, permitindo que países troquem produtos e recursos, assim aumentando suas oportunidades de mercado (Krugman et al., 2015).

Krugman et al. (2015) destaca que as principais características que compõem o comércio exterior são: importação e exportação, balança comercial, acordos comerciais, regulação aduaneira e câmbio.

As importações e exportações são de suma importância no comércio exterior, elas referem-se à troca de bens e serviços entre os países, sendo a importação o processo de adquirir bens e serviços originários de outras nações e que não existem no território nacional, já as exportações é o caminho contrário, o país envia os bens e serviços produzidos dentro do território para países parceiros (Araújo et al., 2016). Essas duas atividades são importantes para o crescimento econômico das nações, pois permitem a expansão dos mesmos.

Dentro da economia de um país a balança comercial é um indicador importante, representando a diferença entre as exportações e importações, podendo ser superavitária ou deficitária, um superávit comercial ocorre quando o país exporta mais do que importa, já um déficit comercial acontece ao se importar mais do que exportar (Krugman et al., 2015). Quando há um superávit comercial, ocorre um maior aquecimento do mercado, podendo fortalecer as reservas de moeda estrangeira do país, além de valorizar a moeda local, com um superávit comercial pode ocorrer um impulso no crescimento econômico, devido ao aumento na demanda por exportações que leva a uma maior

produção interna, o que gera empregos e renda (Blavasciunaite et al., 2020).

Para facilitar as transações comerciais entre os países, existem os acordos comerciais que promovem essas trocas de maneira livre e igualitária, estabelecendo regras e padrões para o comércio internacional, criando um ambiente estável e previsível para as negociações, diminuindo tarifas sobre produtos e eliminando barreiras comerciais (Dias e Rodrigues, 2004). A regulação aduaneira é um importante complemento dos acordos comerciais, pois determina as normas e controles de fiscalização das importações e exportações de mercadorias, ela garante a segurança, legalidade e eficiência das operações dos produtos comercializados (Grainger, 2011).

Internamente no comércio exterior o câmbio é importante por envolver a conversão das moedas estrangeiras e nacionais no processo de exportação e importação, assim é definido a taxa de câmbio para a relação entre as moedas envolvidas na operação, influenciando o valor em moeda local que o determinado produto irá valer (Krugman et al., 2015). A principal função da taxa de câmbio no comércio exterior é permitir a conversão entre diferentes moedas para facilitar as transações internacionais, é importante ressaltar que para operações internacionais se faz necessário o suporte de uma instituição financeira, para que se possa assegurar a conformidade com as regulamentações cambiais e garantir a legalidade das transações (Krugman et al., 2015).

4 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E DADOS

A pesquisa seguirá os seguintes passos, primeiro a coleta de dados sobre a balança comercial do Reino Unido, em seguida é deflacionado os dados de exportação e importação pelo índice de preços, posteriormente é feita uma análise gráfica das exportações e importações e o que levou a aumentos e reduções durante o período analisado. Para conseguirmos comprovar a hipótese de que o Brexit realmente afetou a balança comercial britânica e se realmente faz sentido o que ocorreu com a ela, será usado as taxas de câmbio nominal e efetiva, além de dados do PIB, para explicar se o Brexit por si só teve capacidade de afetar a balança ou se as grandes mudanças ocorreram devido a políticas do Reino Unido. Também será analisado separadamente os principais parceiros econômicos do Reino Unido que fazem parte da União Europeia para verificar se após a saída britânica houve grandes mudanças no comércio entre eles.

4.1 COLETA DE DADOS

Quanto a seleção dos dados para a pesquisa, foi selecionado o período de 2010 a 2023, utilizando todos os dados divididos em trimestres para que fosse possível usar um recorte de três períodos com uma média de anos parecida, sendo assim dividido em 2010 a 2015 período pré-plebiscito, 2016 a 2019 após a decisão do Brexit e durante conversas para chegar em acordos e 2020 a 2023 com a saída em definitivo do Reino Unido da UE.

Todos os dados de exportações e importações foram retirados do ONS (Office for National Statistics) e do Trading Economics, em sua forma nominal, logo, foi depreciado os mesmos pelo Índice Nacional de Preços (IPC), que também foi coletado no ONS. Para deflacionar as exportações e importações, primeiro foi necessário calcular o fator de deflação utilizando a seguinte fórmula:

$$\text{Fator de Deflação} = \frac{\text{Índice de Preços do Ano Base}}{\text{Índice de Preços do Ano}} \quad (1)$$

Sendo o Índice de Preços do Ano Base (2015.1 = 100).

Após o cálculo do fator de deflação, foi calculado o Valor Real das exportações e importações, através da fórmula:

$$\text{Valor Real} = \text{Valor Nominal} \times \text{Fator de Deflação} \quad (2)$$

Assim chegamos aos valores reais das exportações e importações, para uma análise mais precisa.

Os dados de taxa de câmbio nominal e efetiva foram retirados do Bank of England, sendo a nominal a taxa de câmbio média trimestral à vista e a efetiva a média trimestral do índice de taxa de câmbio efetiva, ambas com a base fixada no primeiro trimestre de 2015.

Em relação aos dados do PIB, os dados foram retirados do ONS e da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), será utilizado dois tipos de dados, o PIB real para análises da participação relativa das exportações/importações no PIB durante os trimestres do período estudado, portanto para isso utilizaremos a seguintes fórmulas para saber a porcentagem das exportações/importações em relação ao PIB.

$$\text{Proporção das Exportações} = \left(\frac{E}{\text{PIB}} \right) \times 100\% \quad (3)$$

$$\text{Proporção das Importações} = \left(\frac{I}{\text{PIB}} \right) \times 100\% \quad (4)$$

Já para uma análise de tendências e dinâmicas econômicas ao longo do tempo será utilizado a taxa de crescimento trimestral do PIB corrente, com a série encadeada no primeiro trimestre de 2015, sendo possível assim ver como as exportações e importações estão crescendo em comparação com o crescimento econômico geral.

5 RESULTADOS

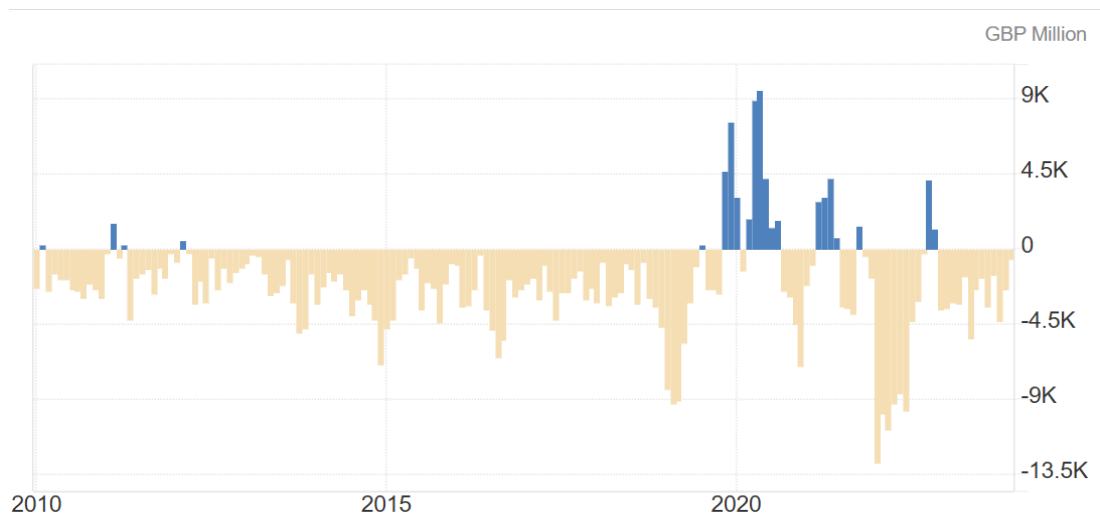
Conforme tratado anteriormente nesta pesquisa, será analisado se o houve impacto do Brexit na balança comercial vendo seu desempenho durante o período estudado, utilizando os dados de taxa de câmbio nominal e efetiva e PIB para ver possíveis implicações na balança comercial e para que no fim possamos concluir que realmente a saída da União Europeia afetou a balança britânica.

5.1 EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES

5.1.1 Panorama Geral

O panorama da balança comercial do Reino Unido no período de 2010 a 2023 é de diversos anos seguidos com déficits comerciais, quando as importações são maiores que as exportações e alguns meses com superávits, quando as exportações são maiores que as importações, conforme é visto no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Balança Comercial do Reino Unido 2010 a 2023



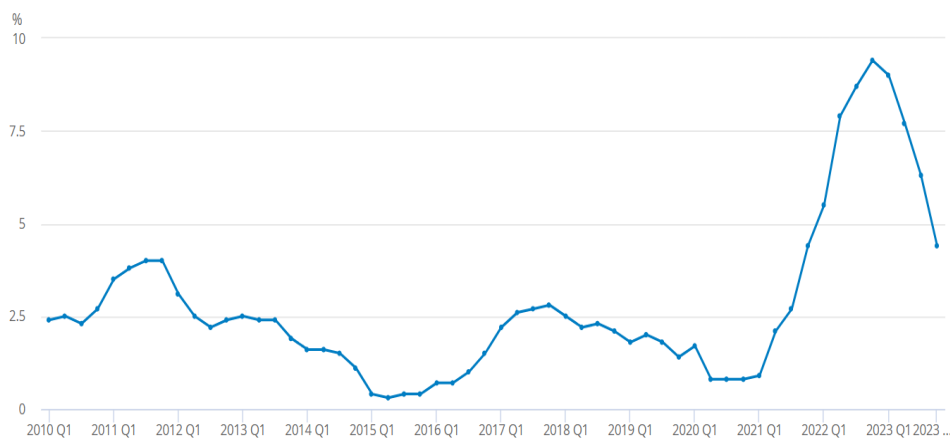
FONTE: Trading Economics.

O início da década de 2010 é marcado pela recuperação da economia de grande parte dos países, devido à crise dos subprimes de 2008. No Reino Unido segundo Andrande (2019) as políticas neoliberais que incluíam austeridade e corte

de gasto públicos e foram adotadas após a crise contribuíram para a instabilidade econômica.

A partir de 2016 até 2019 os consecutivos déficits são explicados pelas incertezas provocadas devido a decisão de sair da União Europeia, segundo Breinlich et al. (2017) a inflação teve seus primeiros indícios de alta após o plebiscito em junho de 2016, subindo de 0,5% em junho de 2016 para 2,6% em junho de 2017, conforme o Gráfico 2:

Gráfico 2 – Inflação de 2010 a 2023



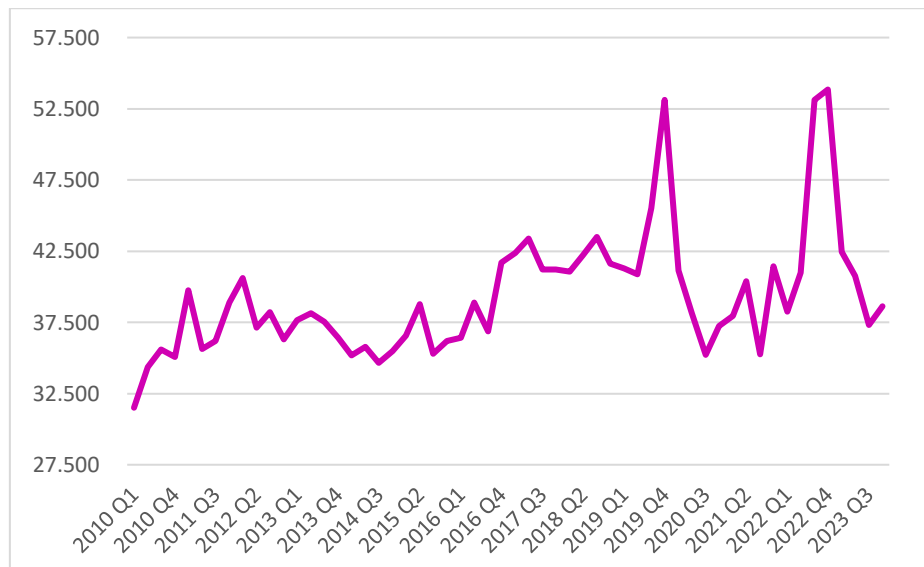
Fonte: Office for National Statistics

No ano de 2020 também terminou com um déficit comercial, porém em alguns meses como é possível ver no gráfico 1 houve alguns superávits mensais. Isso é explicado devido a um grande fator, a pandemia do COVID-19, as importações britânicas tiveram uma queda brusca durante os primeiros meses de pandemia, já as exportações mantiveram o desempenho dos outros meses, pelo motivo de serem compostas por serviços e tecnologia, que não foram tanto afetados na pandemia, o que resultou em meses de superávits.

Após o primeiro impacto do COVID-19, em 2022 o Reino Unido voltou a ter déficits mensais ainda maiores do que os de 2021. Devido a saída em definitivo da União Europeia, que criou barreiras comerciais com os países membros do bloco, resultando negativamente nas exportações e importações. Segundo a Comex Stat em 2023 o Reino Unido teve US\$ 3.317,3 milhões exportados, uma variação de -9,6% em relação a 2022. Já as importações totalizaram US\$ 2.829,2 milhões, tendo uma variação de 1,6% em relação a 2022.

As exportações do Reino Unido para os países que não fazem parte da UE nesse período tiveram um alto crescimento até 2019 como é possível ver no gráfico 3, devido a fatores como a diversificação de mercado feita pelo Reino Unido, por conta do Brexit que foi decidido em 2016 o país começou um processo de redução de dependência em relação à UE, dessa forma aumentando suas exportações para países como Estados Unidos, China, e outros países emergentes. Além disso as próprias empresas utilizaram essa estratégia de diversificação para países além da UE, assim conseguindo amenizar riscos maiores que viriam com a saída em definitivo da UE.

Gráfico 3 – Exportações de mercadorias do Reino Unido para o resto do mundo a preços de 2015 (£ milhões)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ONS

Como é notável, em 2020 as exportações despencam devido a pandemia, e com a saída da UE, após ser aprovado o Acordo de Comércio e Cooperação UE-Reino Unido, onde estabelecia novas maneiras de tratar do comércio entre o Reino Unido e o bloco, com introdução de barreiras comerciais (Sousa, 2023), o Reino Unido passou rapidamente a exportar em grande quantidade para outros países do mundo, recuperando o seu nível de exportações mundiais pré pandemia. Porém seguida de uma queda no fim de 2022, respectivo a isso pode ser colocado como causador a grande inflação que o Reino Unido possui em relação a outros países no pós pandemia, provocando o aumento do preço dos seus produtos exportados como

é possível ver no gráfico 4, onde mostra a variação anual do índice de preços ao produtor, ele nos mostra que houve um aumento significativo nos preços dos produtos, assim quando comparado ao preço de outros países que possuem a inflação menor o Reino Unido passa a se tornar um país menos atrativo para que os demais comprem seus produtos.

Gráfico 4 – Índice de Preços ao Produtor (PPI) Variação Anual



FONTE: Trading Economics

Para as importações de mercadorias do Reino Unido para países que não fazem a parte do bloco econômico europeu, na década de 2010 elas mantiveram uma tendência neutra, com alguns altos e baixos, porém sem muita volatilidade como é possível ver no gráfico 5.

Gráfico 5 – Importações de mercadorias do resto do mundo provenientes do Reino Unido a preços de 2015 (£ milhões)

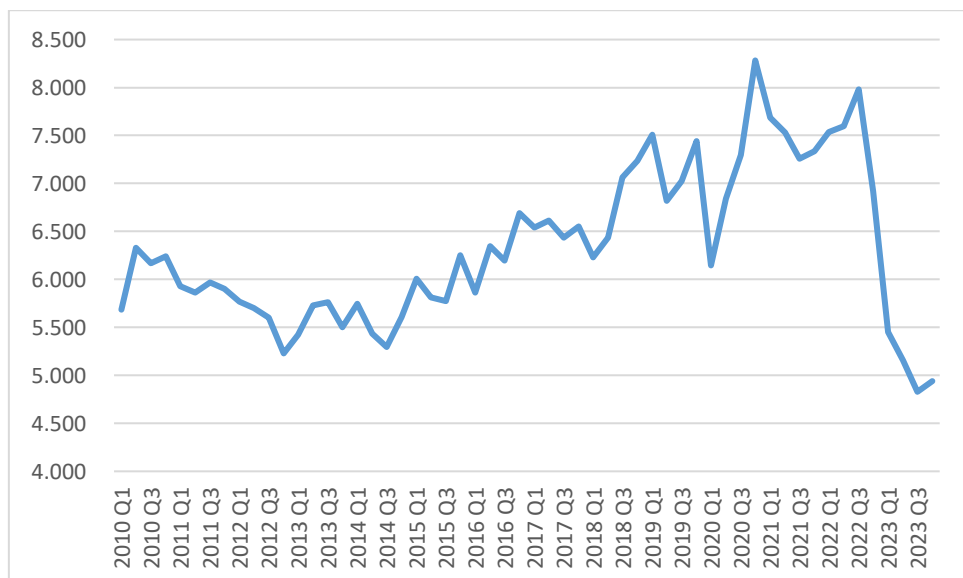


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ONS

Após 2019 há uma grande queda novamente influenciada em grande parte pela pandemia do COVID-19. A recuperação ocorreu ainda no final de 2020 com as importações voltando a níveis pré 2019, porém com um boom logo em seguida, com grande impacto de produtos eletrônicos (gráfico 6) que passaram a ser muito demandados devido ao novo normal de trabalho em casa, assim a demanda fez com que os níveis de produtos eletrônicos importados chegassem a níveis bem altos.

Como esses produtos são importados de países não membros da UE, houve um significativo aumento nos números importados, não sofrendo com barreiras comerciais. Elas voltaram a cair em 2023 devido a fatores como a queda do PIB no terceiro trimestre de 2022, que segundo a ONS contraiu 0,3% frente ao segundo semestre do ano, a elevada inflação que tomou o Reino Unido também é um dos agentes responsáveis pela queda das importações, com os padrões de vida dos britânicos diminuindo devido ao aumento da inflação, a demanda por produtos importados teve uma queda significativa (Dhingra et al., 2016).

Gráfico 6 – Importação de produtos eletrônicos da EU provenientes do Reino Unido a preços de 2015 (£ milhões)



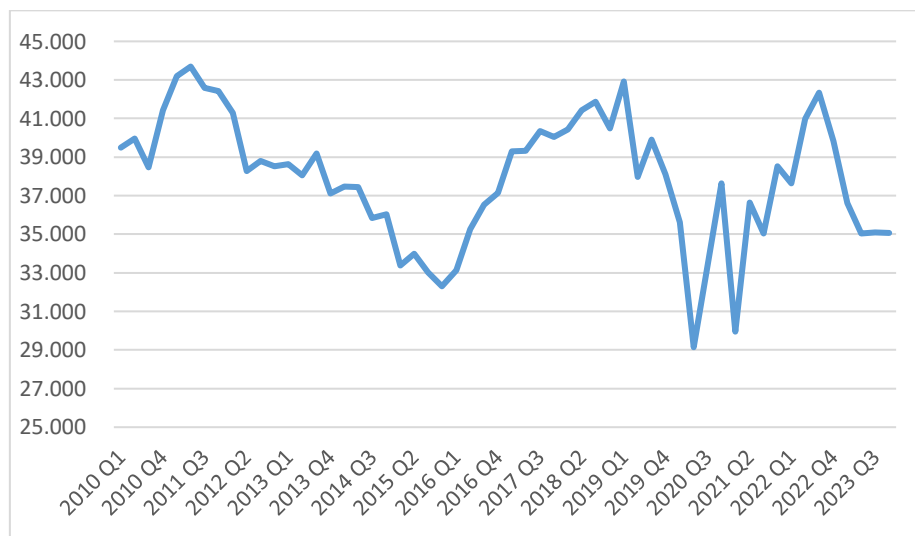
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ONS

5.1.2 Negócios com a União Europeia

5.1.2.1 Exportações para a União Europeia

Ao analisar o gráfico 7 das exportações de mercadorias do Reino Unido para países membros da União Europeia no período de 2010 a 2023 com a série de dados em trimestres, podemos extrair algumas informações importantes sobre o comportamento dele.

Gráfico 7 – Exportações de mercadorias do Reino Unido para a UE a preços de 2015 (£ milhões)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ONS

No primeiro período da década de 2010 até 2016 analisado, sendo pré decisão do Brexit os níveis de exportações apresentaram uma tendência de baixa, que após 2016 foi recuperada chegando a valores próximos ao de 2010. Porém as exportações começam a cair no início de 2020.

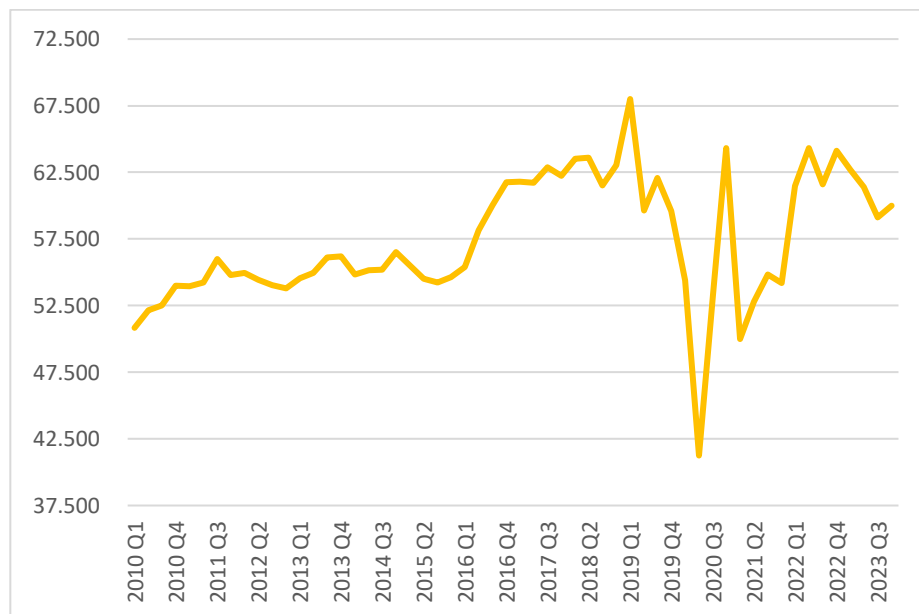
Com a saída em definitivo do Reino Unido da UE marcado para dezembro de 2020, além das incertezas do Brexit, as exportações encararam a pandemia do COVID-19. Após a queda em 2020 houve uma recuperação das exportações, mas que devido a saída do Reino Unido da UE apresenta grandes flutuações, devido à instabilidade da economia e as barreiras que havia sido postas no comércio com a UE (Dehani e Hägerström, 2021). No último ano as exportações voltaram a cair

devido ao Brexit, mas também devido ao elevado nível da inflação, como é possível ver no Gráfico 2, que chegou a quase 10% no fim de 2022.

5.1.2.2 Importações da União Europeia

Para o gráfico de importações de mercadorias do Reino Unido à União Europeia a década de 2010 é marcada por um crescimento das importações, com um maior volume a partir de 2016 como é visto no gráfico 8 abaixo, esse aumento motivado pelos acordos que o Reino Unido possuía ainda com a UE, o que facilitava o comércio.

Gráfico 8 – Importações de mercadorias da EU provenientes do Reino Unido a preços de 2015 (£ milhões)



Fonte: Elaboração Própria com base nos dados da ONS

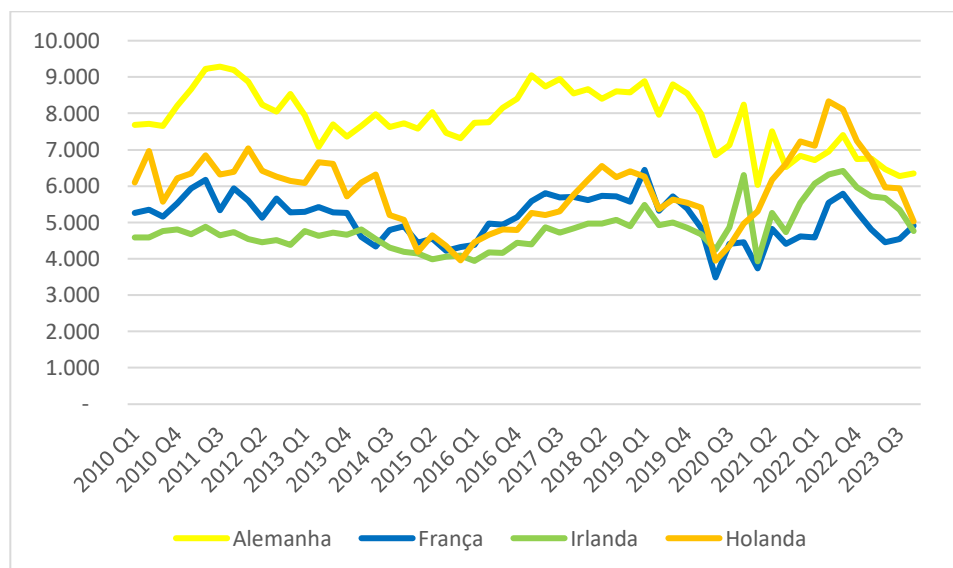
Como ocorre com as exportações, em 2020 as importações também sofrem com a incertezas do Brexit e com a pandemia, assim é possível ver uma queda brusca devido a esses fatores mencionados, a queda leva o número de importações para abaixo dos 42 milhões de libras, que só é recuperada no final do ano de 2020, porém, com a saída em definitivo do Reino Unido da UE em dezembro de 2020, elas sofrem uma nova queda (Dehani e Hägerström, 2021). Nos últimos três anos houve uma significativa recuperação, porém permanecendo com o nível abaixo do que era

em 2019, devido às barreiras comerciais impostas, incluindo taxas altas para qualquer produto que venha de um país membro da UE.

5.1.3 Principais parceiros membros da União Europeia

No ano de 2023 segundo o Santander Trade Markets (2024) os quatro países membros da UE que possuíram mais comércio com o Reino Unido foram; Alemanha, França, Holanda e Irlanda. Analisando o gráfico das exportações de mercadorias do Reino Unido para esses países desde 2010 até 2023, o gráfico 9 mostra que no geral elas apresentaram uma tendência parecida para os quatro países, havendo uma grande queda após 2021, podendo ser explicada pelas barreiras econômicas impostas pelo Brexit. No entanto essa queda derrubou as exportações para números que já haviam sido encontrados anterior à pandemia.

Gráfico 9 – Exportações do Reino Unido para os principais parceiros membros da UE

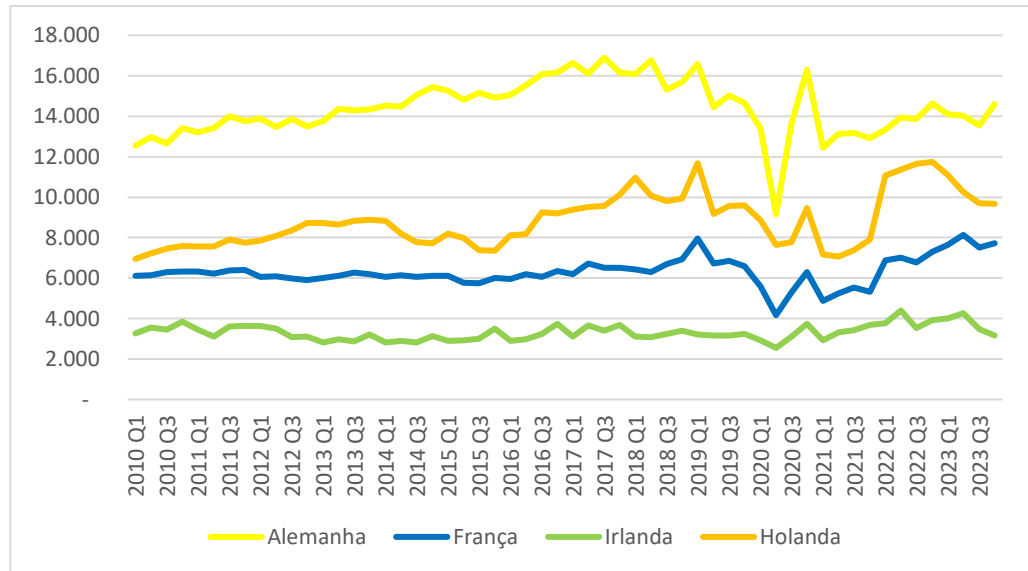


Fonte: Elaboração Própria com base nos dados da ONS

Para as importações de mercadorias, no gráfico 10 podemos ver que seguem o mesmo padrão, com valores bastantes distintos, porém na mesma tendência para Alemanha, França e Holanda, em alguns casos como o da Holanda se encontrando em valores maiores do que 2016. A Irlanda ganha destaque por não ter sofrido grandes flutuações, mesmo com a pandemia as mercadorias vindas da Irlanda se

mantiveram na média, segundo Calazans (2020) isso se explica pelo fato de a Irlanda exportar para o Reino Unido em sua grande maioria produtos alimentícios e farmacêuticos, assim sendo essenciais durante a pandemia.

Gráfico 10 – Importações provenientes do Reino Unido para os principais parceiros membros da UE



Fonte: Elaboração Própria com base nos dados da ONS

Portanto, quando analisamos os principais parceiros do Reino Unido que fazem parte da UE, não vemos impactos significativos do Brexit, devido a relação que eles possuem, e o quanto o Reino Unido necessita continuar com as trocas comerciais entre eles, por mais que tenha barreiras econômicas os produtos vindos desses países e os produtos que o Reino Unido produz são de extrema importância nessa relação.

5.2 IMPACTO DAS TAXAS DE CÂMBIO NOMINAL E EFETIVA

As taxas de câmbio possuem grande influência no desempenho da balança comercial de determinado país, podendo causar impactos tanto positivo quanto negativo. Quando ocorre a desvalorização da moeda local pode levar a um aumento da inflação, ocasionando um maior custo para se importar, assim reduzindo o número de importações (Auboin, 2013). Já a valorização da moeda pode provocar o

efeito contrário nas importações, aumentando os números de produtos importados, pelo fato de os produtos estrangeiros estarem mais baratos (Auboin, 2013).

No caso das exportações uma desvalorização cambial tende a deixar os produtos mais baratos para os outros países, assim levando a uma tendência de aumento nas exportações, a valorização acaba deixando os produtos mais caros, o que diminui a competitividade deles no mercado internacional (Auboin, 2013).

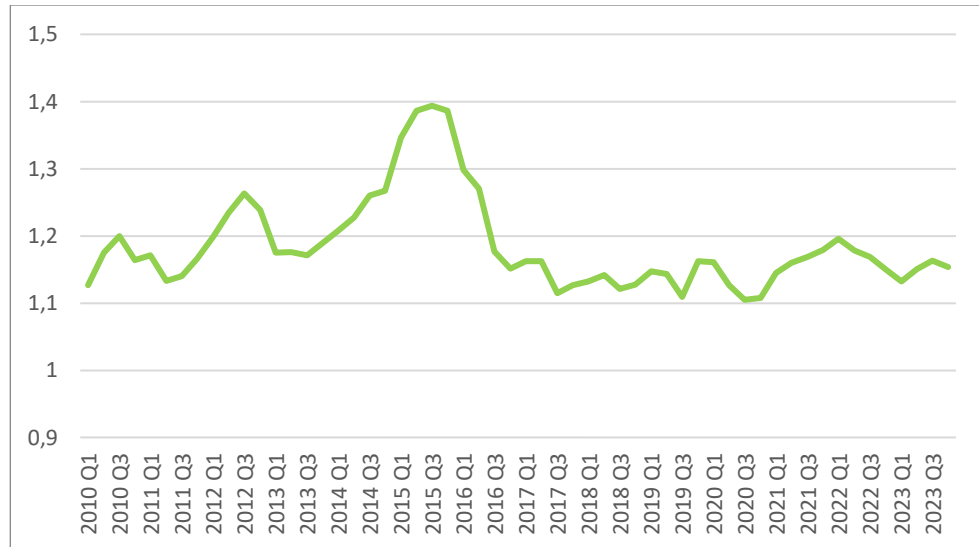
Ao tratarmos de curto e longo prazo para as taxas de câmbio Bahmani-oskooee e Ratha (2004) fazem uma revisão sobre o Efeito J-Curve, que basicamente é quando ocorre uma desvalorização do câmbio, inicialmente essa desvalorização vai provocar um efeito negativo na balança antes de melhorá-la, esse efeito se dá em contratos fixados a taxas de câmbio anteriores, assim eles não respondem inicialmente às mudanças dos preços.

5.2.1 Taxa de Câmbio Nominal GBP/EUR

A taxa de câmbio nominal é a taxa que representa a relação entre duas moedas, como a libra moeda do Reino Unido e o euro moeda única da União Europeia. A desvalorização da moeda local torna os produtos exportados mais baratos para os países estrangeiros comprar, tendendo a aumentar as exportações, enquanto uma valorização da moeda local provoca o efeito contrário (Krugman et al., 2015). Nas importações ocorre o inverso, quando uma moeda local se desvaloriza as importações ficam mais caras, pois é necessária mais moeda local para efetuar a compra, já a valorização faz com que as importações fiquem baratas, facilitando o aumento das mesmas (Krugman et al., 2015).

Para verificarmos a influência da taxa de câmbio nominal na balança comercial britânica, vamos utilizar a paridade de moedas euro para libra com a taxa de câmbio sendo uma média trimestral à vista, conforme o gráfico 11, nele podemos ver o movimento de 2010 a 2023 que as duas moedas tiveram uma em relação a outra.

Gráfico 11 – Taxa de câmbio nominal média trimestral à vista GBP/EUR



Fonte: Elaboração Própria com base nos dados do Bank of England

A relação da paridade GBP/EUR mostra a quantidade de euros (EUR) que são necessários para comprar uma unidade de libra (GBP). O gráfico nos mostra que a Libra é mais valorizada que o Euro, chegando no seu pico máximo de valorização em 2015, onde para se comprar uma Libra era necessário aproximadamente € 1,40. Nessa primeira metade da década houve uma significativa valorização da Libra, devido à crise de 2008 onde o Reino Unido apresentou um crescimento econômico melhor do que muitos países da UE (Dabrowski, 2018).

Outro fator determinante para essa valorização da Libra frente ao Euro, é a Crise da Dívida Soberana ou Crise do Euro, onde os países não conseguiam honrar com as suas obrigações financeiras, atingindo vários países da zona do euro, como Grécia, Portugal, Irlanda, Espanha e Itália (Cabral, 2014). A fim de conter a crise a UE junto do Fundo Monetário Internacional (FMI) promoveram pacotes de resgate financeiro para que esses países conseguissem se livrar da crise (Cabral, 2014)

Frente a isso o Reino Unido passou a ser visto como um porto seguro para os investimentos, o Banco da Inglaterra (BoE) adotou uma política monetária estável, ao contrário da política do Banco Central Europeu (BCE) que precisou implementar uma política mais agressiva, para conter a Crise da Dívida Soberana (Cabral, 2014).

A partir de 2016, com o referendo do Brexit aprovado e as incertezas geradas sobre essa decisão a libra sofreu uma grande desvalorização imediata, levando a patamares inferiores do que em 2010. Com o Brexit o BoE decidiu adotar uma

política monetária flexível, com cortes nas taxas de juros e em programas de estímulo, a fim de diminuir ao máximo os possíveis impactos da saída do bloco, atrelado a isso o crescimento econômico do Reino Unido foi menor do que o da zona do euro (Wolf, 2016).

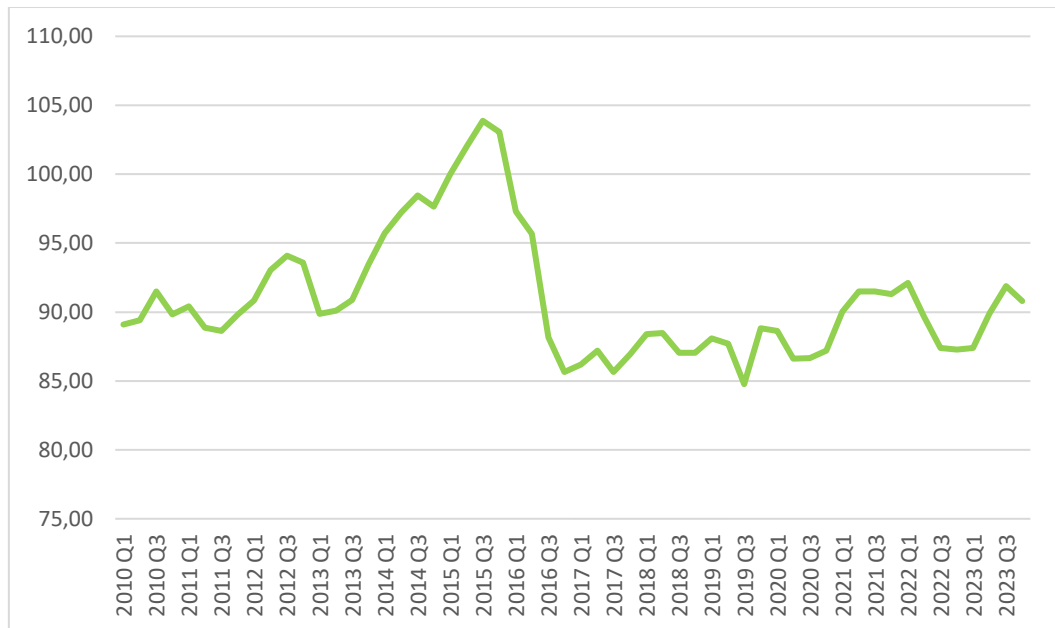
As exportações do Reino Unido vinham caindo de 2010 a 2015, como foi possível ver no gráfico 7, e após 2015 começaram a crescer, esse movimento coincide com a valorização da libra na primeira metade da década, e a desvalorização da libra na segunda metade. Nas importações, uma desvalorização causaria uma redução das importações, no caso do Reino Unido não foi isso que ocorreu, elas mantiveram uma tendência de crescimento.

5.2.2 Taxa de Câmbio Efetiva

Diferente da taxa de câmbio nominal, a taxa de câmbio efetiva é um índice da média ponderada do valor de uma moeda em relação a uma cesta de outras moedas (Krugman et al., 2015). Assim ela não compara somente a moeda local frente a uma só, mas sim a um grupo de moedas que possuem certa relevância na relação comercial do país. Quando a taxa de câmbio efetiva de um país se desvaloriza, pode ocasionar um aumento nas exportações, caso ocorra uma valorização as exportações tendem a diminuir (Krugman et al., 2015). Para as importações uma desvalorização da taxa de câmbio efetiva provoca uma queda nas importações, por aumentar o preço dos produtos importados, já a valorização pode trazer um aumento das importações, devido a esses produtos ficarem baratos (Krugman et al., 2015).

Através do índice médio trimestral da taxa de câmbio efetiva da libra esterlina com base no primeiro trimestre de 2015 conforme o gráfico 12, podemos ver o que ocorreu com a libra em relação a várias moedas não somente com o euro, e analisar sua influência na balança antes e após o Brexit.

Gráfico 12 – Índice médio trimestral da taxa de câmbio efetiva (GBP)



Fonte: Elaboração Própria com base nos dados do Bank of England

Os fatores que provocam esse aumento na primeira metade da década, seguido de uma queda significativa, são parecidos aos que ocorreram com a taxa de câmbio nominal, a grande valorização entre 2010 e 2015 também é explicada pela crise financeira de 2008 (Dabrowski, 2018). Porém nesse caso, além de levar em conta o euro, também é usado outras moedas de países da Europa e do mundo, assim mostrando que o Reino Unido conseguiu uma boa recuperação da crise. A partir de 2016 com o Brexit a libra se deprecia em relação a outras moedas, devido às incertezas causadas pelo Brexit.

Ao analisarmos os possíveis impactos nas exportações e importações para o mundo fora da UE, a valorização da taxa de câmbio efetiva tende a diminuir as exportações, visto que os preços ficam muito mais caros, no gráfico 3 vemos que no período de valorização da libra as exportações para o resto do mundo se mantiveram em um determinado nível, sem grande queda como ocorreu com a exportações para UE. Já a desvalorização tende a aumentar as exportações, como ocorre até 2020 onde a pandemia derruba as mesmas.

Nas importações o impacto da valorização e desvalorização da taxa de câmbio efetiva, não ocorre como o esperado, a valorização deveria aumentar as importações por deixar elas mais baratas, mas no gráfico 5, vemos que elas se mantem em um nível, com determinados períodos havendo uma queda e com a

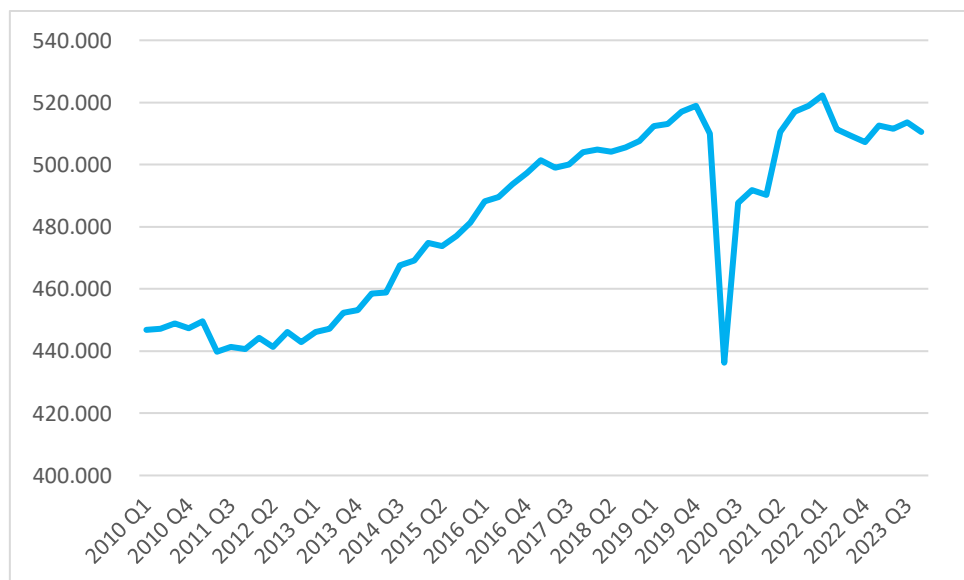
desvalorização é esperado uma queda, o que acontece somente em 2019, tendo um período de aumento, mesmo com a desvalorização da taxa.

5.3 IMPACTO DO PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

5.3.1 PIB e taxa de crescimento real do Reino Unido

Olhando para o PIB real do Reino Unido de 2010 a 2023, vemos no gráfico 13 que a década passada foi de grande crescimento após a crise de 2008, como mencionado anteriormente neste trabalho, o Reino Unido adotou uma política para estimular a economia, que deu resultados após o ano de 2010, onde começou a crescer até o início de 2020.

Gráfico 13 – PIB Real do Reino Unido

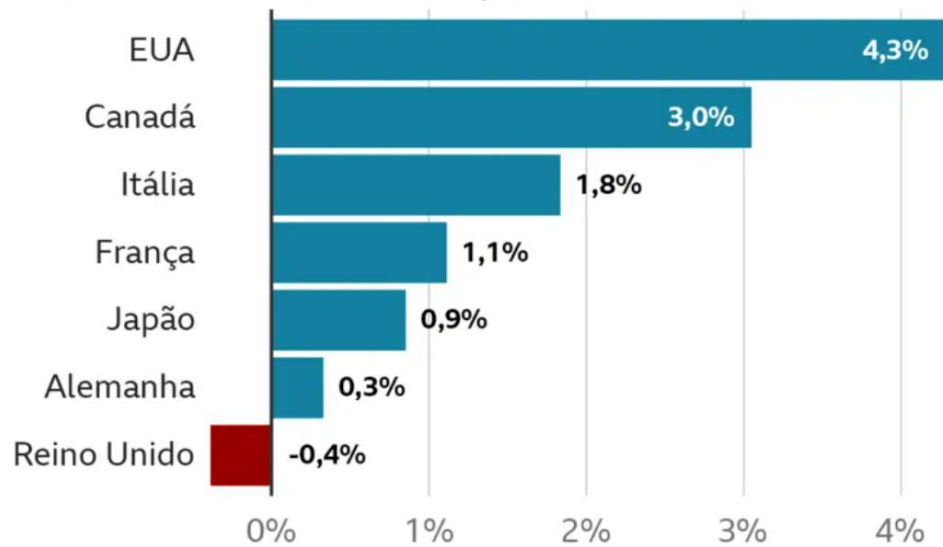


Fonte: Elaboração Própria com base nos dados da ONS

No início da atual década o PIB de todo o mundo é derrubado pela pandemia do COVID-19, no Reino Unido não foi diferente, porém as principais economias do mundo se recuperaram da pandemia e já voltaram a crescer, entretanto o Reino Unido como aponta a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) no gráfico 14, comparado às grandes economias mundiais o Reino Unido teve um crescimento negativo no período. Esse crescimento negativo sofre grande impacto do Brexit, afetando o padrão de vida da

população britânica, segundo Breinlich et al. (2022) o PIB per capita diminuiu, enquanto a inflação aumentou, assim o custo de vida para a população britânica se elevou. As exportações e importações são responsáveis por grande parte do PIB britânico, e assim com as barreiras impostas pelo Brexit o consumo da população britânica foi afetado.

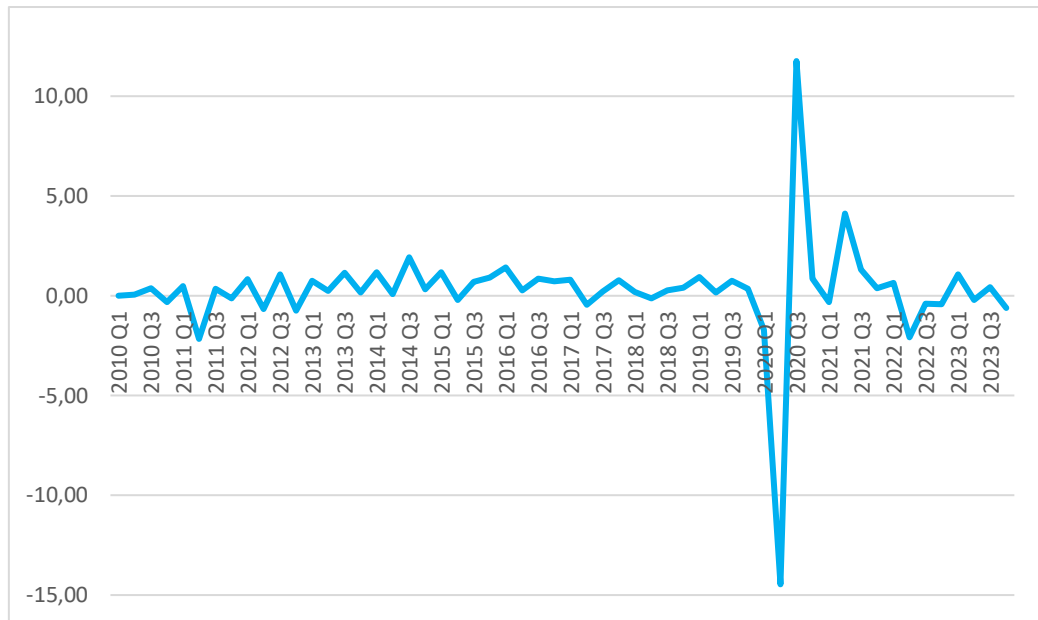
Gráfico 14 – Crescimento econômico do G8 desde 2019



Fonte: OCDE

A taxa de crescimento real quando olhada para o período pré pandemia, é notório que ela ficava em altos e baixos durante os trimestres do ano, mas quase sempre com crescimentos maiores que o período antecessor, após o efeito da pandemia que pode ser visto no gráfico 15, onde houve uma grande volatilidade, é perceptível a taxa de crescimento ter níveis negativos após a recuperação da pandemia, como mencionado o impacto do Brexit.

Gráfico 15 – Taxa de crescimento do PIB Real



Fonte: Elaboração Própria com base nos dados da ONS

5.3.2 Participação das Exportações e Importações no PIB Real

Quando olhamos para a porcentagem das exportações e importações do Reino Unido para a UE no PIB Real do mesmo, não possuiu grandes variações mesmo após a saída da UE como é visto no quadro 1. Destaca-se o grande valor que as exportações e importações possuem no PIB Real britânico, uma média de 8% do PIB é referente a exportações para UE e 12% às importações, significando o quanto a economia do Reino Unido é conectada a UE.

Quadro 1 – Proporção de Exportações e Importações do Reino Unido com a UE no PIB Real do Reino Unido

Data	Exportação	Importação
2010	9%	12%
2011	10%	12%
2012	9%	12%
2013	9%	12%
2014	8%	12%
2015	7%	11%
2016	7%	12%
2017	8%	12%
2018	8%	12%
2019	8%	12%
2020	7%	11%
2021	7%	10%
2022	8%	12%
2023	7%	12%

Fonte: Elaboração Própria com base nos dados da ONS

Percebemos que a decisão de se retirar do principal bloco econômico do mundo é um dos responsáveis pelo não crescimento do Reino Unido após a pandemia, segundo dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) que regula o comércio global, até 2020 cerca de 45% das exportações do Reino Unido eram destinadas à UE, e cerca de 53% das importações vinham da UE. Pós Brexit as exportações e importações em 2022 para a UE tiveram uma diminuição de 4% e 6% respectivamente.

6 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou identificar os possíveis impactos que a balança comercial do Reino Unido sofreu com a saída do país do bloco econômico europeu fazendo comparações com momentos em que o Reino Unido fazia parte da União Europeia e o momento após a saída. A partir dos resultados apresentados, é possível chegar a algumas conclusões.

O Reino Unido buscou com o Brexit recuperar a soberania legislativa e o controle sobre suas políticas de imigração e comércio. No entanto, isso veio acompanhado de desafios significativos, incluindo a interrupção de cadeias de suprimentos, incertezas econômicas e novas barreiras comerciais com a UE, seu principal parceiro comercial.

Primeiramente, por mais que a saída em definitivo seja a pouco tempo já é possível ver seus impactos mais imediatos nas exportações e importações, o Reino Unido sempre foi uma das principais economias do bloco, logicamente sua saída traz consequências tanto para a UE quanto ao próprio Reino Unido, assim em um primeiro momento é possível ver que o nível das exportações e importações para UE caiu após 2020, quando ocorre a saída em definitivo. Levando a patamares menores quando comparado com os anos antecedentes de 2020.

Referente às taxas de câmbio nominal e efetiva, após 2016 e a votação que definiu a aceitação da população ao Brexit, ocorreu a desvalorização da Libra, impactando tanto positivamente quanto negativamente as exportações e importações, em um primeiro momento sendo benéfico às exportações, devido ao menor preço que as mercadorias internas tinham para os países compradores, porém com a saída da UE e a entrada de barreiras econômicas acabaram sofrendo uma grande queda. Já o PIB por sua vez foi impactado após a pandemia, onde até conseguiu se recuperar do fenômeno global, porém ainda sofre sem perspectivas de crescimento, devido a saída da UE.

Diante da análise realizada as consequências da saída da UE para a balança comercial britânica, ainda é pequena, porém é possível ver uma mudança histórica nas relações políticas e econômicas tanto para o Reino Unido quanto para a UE. Assim como Dhingra, et al (2016) expõe, as consequências do Brexit irão depender das atitudes tomadas pelo Reino Unido com o passar do ano, elas são

multifacetadas e se estendem a diversas áreas, desde o comércio até a imigração e a cooperação internacional, essas últimas podem demorar mais alguns anos para que seja possível notar impactos nelas. O Brexit levou o Reino Unido a redefinir suas relações globais, buscando acordos comerciais e parcerias fora do bloco europeu. Por outro lado, o impacto sobre a UE também não é insignificante, pois a saída de um de seus membros mais influentes pode influenciar sua coesão interna e a forma como se posiciona no cenário internacional.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Daniel Pereira. Neoliberalismo: Crise econômica, crise de representatividade democrática e reforço de governamentalidade. **Fundação Getúlio Vargas**, São Paulo, p. 1-27, 2019.
- ARAUJO, Aristóteles Oliveira; LICAR, Eliosmar; VERAS, Valdimiro. EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO ANÁLISE DOS PROCESSOS. **Revista Maiêutica**, v. 4, n. 1, p. 257-268, 2016.
- AUBOIN, Marc; RUTA, Michele. **The relationship between exchange rates and international trade: a literature review**. Cambridge: World Trade Review, 2013.
- BAHMANI-OSKOOEE, Mohsen; RATHA, Artatrana. The J-Curve: a literature review. **Applied Economics**, Milwaukee, p 1377-1398, 2004.
- BASSO, Maristela. Integração econômica e institucionalização: as experiências do Mercosul e da União Européia. **Revista CEJ Brasília**, v2, n4, jan./abr. 1998.
- BLACK, Jack. The United Kingdom and British empire: a figurational approach. **Rethinking History - Journal of Theory and Practice**, Reino Unido, v. 22, n. 1, p. 3- 24, 11 jan. 2018.
- BLAVASCIUNAITE, Deimante *et al.* Trade Balance Effects on Economic Growth: Evidence from European Union Countries. **Economies**, Lituânia, p. 1-15, 1 jul. 2020.
- BREINLICH, Holger *et al.* THE BREXIT VOTE, INFLATION AND U.K. LIVING STANDARDS. **INTERNATIONAL ECONOMIC REVIEW**, Londres, v. 63, ed. 1, 2022.
- BREINLICH, Holger *et al.* The Consequences of the Brexit Vote for UK Inflation and Living Standards: First Evidence. Londres, n. 11, p. 2-22, 2017.
- BUENO, Sinara. **Saiba mais sobre os Maiores Exportadores do Mundo**. 2 set. 2024. Disponível em: <https://www.fazcomex.com.br/comex/maiores-exportadores-do->

DHINGRA, Swati; SAMPSON, Thomas. Expecting Brexit. **Annual Reviews**, Londres, p. 495-519, 4 maio 2022.

DIAS, Reinaldo; RODRIGUES, Waldemar. **Comércio Exterior: Teoria e Gestão**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2004.

GEDDES, A. **The European Union and British Politics**. Basingstoke, United Kingdom: Palgrave Macmillan. 2004.

GRAINGER, Andrew. Trade Facilitation: A Conceptual Review. **Journal of World Trade**, Países Baixos, v. 45, n. 1, p. 39-62, jan. 2011.

KRUGMAN, Paul R. et al. **Economia Internacional**. 10. ed. Londres: Pearson, 2015. 618 p.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTEFELD, M. **Economia Internacional: Teoria e Política**. ed. 5, São Paulo: Makron Books, 2001.

MACHADO, João Bosco M. **Mercosul: Processo de Integração: Origem, Evolução e Crise**. São Paulo: Aduaneiras, 2000.

NAKADA, Minoru. **A OMC e o Regionalismo**. São Paulo: Aduaneiras, 2002.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO. **OMC | Reino Unido - Información por Miembro**. Disponível

em: https://www.wto.org/spanish/thewto_s/countries_s/united_kingdom_s.htm#statistics. Acesso em: 7 ago. 2024.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982

SANTANDER TRADE MARKETS. **Valores de comércio no Reino Unido - Santandertrade.com**. Jul. 2024. Disponível

em: <https://santandertrade.com/pt/portal/analise-os-mercados/reino-unido/valores-do-comercio-2>. Acesso em: 4 set. 2024.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações: Investigação sobre sua Natureza e suas Causas**. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

SOARES, António Goucha. Brexit: O referendo de 2016. **Instituto Português de Relações Internacionais**, Lisboa, v. 61, p. 63-75, 2019.

SOUSA, Ana Rita Fontes. **The impact of Brexit on the VAT regulation for B2B transactions of goods between EU and UK: On the Post Brexit, do the new VAT rules violate the VAT principles and leads agents to perform VAT avoidance?**. 2023. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Direito) - Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2023.

UNIÃO EUROPEIA. **Tratado de Maastricht sobre a União Europeia | EUR-Lex**. 21 mar. 2018. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=legisum:xy0026>. Acesso em: 12 jul. 2024.

UNIÃO EUROPEIA. **Tratado de Roma (CEE) | EUR-Lex**. 2017. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=legisum:xy0023>. Acesso em: 12 jul. 2024.

WOLF, Paulo José; DE OLIVEIRA, Giuliano. A saída do Reino Unido da União Europeia: um revés civilizatório. **Anuario de Integración**, v13, 2016.